

Tucano ameaça com dissidência

Até recentemente, o senador Antônio Carlos Magalhães queria mas não assumia a candidatura à sucessão do presidente José Sarney no Senado. Há alguns dias, porém, desfraldou as bandeiras e pôs a campanha nas ruas. Outra vitória, além da aliança com Paulo Maluf, são os apoios que conquistou nos demais partidos. O senador Carlos Wilson (PE) não esconde a disposição de ir às últimas consequências para ter a liberdade de votar no político baiano: "Se for necessário, saio do PSDB. O Senado precisa de um presidente firme e voto em ACM com a certeza de que ele não terá alinhamento automático". Na verdade, o senador visa, com isso, conquistar a simpatia do PFL à candidatura de seu pai, Wilson Campos, na Câmara.

Embora ainda sem sucesso, o senador ACM investiu no plenário para crescer a bancada do PFL. Chegou a esboçar compromisso com os senadores Gilberto Miranda (AM) e Ernandes Amorim (RO), que continuam porém

no PMDB. Em consequência, os demais partidos se defendem e propõem como critério para a definir a maior bancada, o número de parlamentares no início da legislatura, como é de praxe. Isso garante o PMDB, que há oito anos ocupa a presidência da casa, por onde passaram sucessivamente Humberto Lucena, Mauro Benevides, novamente Humberto Lucena e agora José Sarney.

Todos esses senões geram descontentamentos políticos. E muitos debates. Tudo está condicionado ainda a manutenção de um acordo feito na Câmara antes da eleição do deputado Luís Eduardo para a presidência. O bloco PFL-PTB tem compromisso formal de devolver o cargo ao PMDB, algo que ainda pode funcionar como complicador. Além disso, inibe os possíveis concorrentes de Antônio Carlos dentro do PFL a também colocarem seus nomes para exame caso a presidência do Senado seja destinada ao partido. (RP)